

REFLEXÕES SOBRE AS PRÁTICAS DO LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL E O PAPEL DO PROFESSOR

Luciana Santos Andrade COSTA

Ana Rogéria de AGUIAR

GT5 – Educação Infantil

Resumo: O presente trabalho teve como objetivo refletir sobre as práticas de letramento na Educação Infantil e o papel do professor. Na pesquisa optamos pelo método materialista histórico dialético que possibilitou compreender e analisar as ações educativas e pedagógicas realizadas na sala de Educação Infantil assim como os dados construídos considerando as categorias: mediação e totalidade. Esta pesquisa se vincula ao Núcleo de Estudos e Pesquisas da Infância e sua Educação em Diferentes Contextos e ao Curso de Especialização em Educação Infantil - PPGE/FE/UFG. O estudo aborda o letramento como destaque nas discussões acadêmicas e nas instituições de ensino, o que é evidenciado pelas publicações acerca da temática. Embates e debates sobre alfabetização e letramento, buscaram-se explicações para investigar como ocorre o processo de alfabetizar (ensinar as habilidades necessárias para ler e escrever) e letrar (ensinar a fazer uso competente da leitura e da escrita em diversas práticas sociais). Tendo em vista tais discussões, o presente trabalho abordou a linguagem como elemento de constituição da subjetividade da criança. Tendo como suporte teórico, Bakhtin (1997) e Vygotsky (2008), pois esses autores estudam a linguagem com princípio para a interação social fundamentam-se na concepção da criança como produtora de cultura e sujeito de direitos. Concluiu-se que é necessário possibilitar ações pedagógicas diferenciadas, tais reflexões possibilitaram a mudança na prática pedagógica à medida que compreendeu a brincadeira como atividade que incentiva à interação e impulsiona o processo de conhecimento da linguagem escrita.

Palavras-chave: Educação Infantil. Letramento. Professor mediador.

Introdução

O interesse pelo tema abordado neste trabalho é o reflexo de algumas leituras sobre as práticas do letramento na Educação Infantil e de experiências vivenciadas a cerca do papel do professor em sala de aula com crianças da Rede Pública.

Dessa forma surgiu o desejo de refletir sobre a questão da docência, as dificuldades e as conquistas que vão agregando aos docentes experiências e concepções, (re) construindo, e assim, contribuindo para a formação do ser professor (a) da Educação Infantil.

Os trabalhos desenvolvidos na Educação Infantil são marcados, dentre outras, por duas concepções primordiais: a primeira, de que é necessário educar (ensinar) para possibilitar às crianças o acesso à leitura e à escrita preparando-as para a primeira fase do Ensino fundamental.

A segunda por uma concepção assistencialista que tem o cuidado, como princípio fundamental. A esta é vinculada a concepção pré-sociológica marcada por um modelo de criança que é considerada como um ser a se desenvolver - pura e ingênua, e por vezes caracterizou-se por tratar a criança como “adulto em miniatura”, que se configura pela lógica do cotidiano do adulto, sem direito de escolhas. (Cf. HEYWOOD, 2004).

Propusemos neste trabalho a refletir sobre como professoras compreendem as orientações teóricas sobre letramento e como essa compreensão volta-se para as práticas de letramento em sala de Educação Infantil.

Tendo em vista este propósito, buscou-se fundamentá-lo com ênfase na linguagem como elemento de constituição da subjetividade da criança. Tendo como suporte teórico, Bakhtin (1997) e Vigotski (2008), pois esses autores abordam a linguagem como princípio para a interação social e fundamenta-se na concepção da criança como produtora de cultura e sujeito de direitos.

Os autores enfatizam o homem como ser social, ou seja, compreendem que a formação do sujeito ocorre a partir de suas experiências sociais.

O termo letramento surgiu e possibilitou um novo entendimento sobre o código escrito trazendo contribuições significativas, por provocar, de modos diversos, a reflexão sobre a entrada das crianças no mundo da cultura escrita.

Tal reflexão se destaca principalmente por considerar que o conhecimento do (signos) código alfabético da escrita e das relações entre fonemas e grafemas é insuficiente para a compreensão da linguagem enquanto elemento constitutivo do sujeito.

Na Educação Infantil, levando-se em consideração suas especificidades, busca-se a compreensão sobre o caráter e a extensão do trabalho a ser realizado com a linguagem escrita.

Na prática o trabalho de letrar ainda está muito próximo ao de alfabetizar, foi devido ao fato de eu ter atuado como professora do 1º ano do Ensino Fundamental (antiga alfabetização) durante dezessete anos e atualmente estar em uma sala de crianças de cinco anos da Educação Infantil cujo trabalho está centrado no letramento o que me proporcionou uma nova percepção sobre a importância desse trabalho, mas ao mesmo tempo surgiram dúvidas sobre como trabalhá-lo na Educação Infantil sem escolarizar?

Estas dúvidas se evidenciaram no início e durante o Curso de Especialização em Educação Infantil proposto pelo NEPIEC na Faculdade de Educação na Universidade Federal de Goiás.

Diante dos estudos e das leituras, no Curso de Especialização em Educação Infantil, foi possível compreender a infância como fase da vida e de experiência de cultura e as crianças como produtoras de cultura e sujeito de cultura.

Tal entendimento sobre o que é o ser criança possibilitou-me a refletir sobre as crianças que trabalho no meu agrupamento, permitindo “observar” minha prática pedagógica e tal reflexão levou-me analisar as práticas de letramento no agrupamento em forma de pesquisa ação.

Para realizar esse estudo optamos pela metodologia de investigação que se desenvolveu através leituras bibliográficas, leitura de textos, artigos e livros referentes ao tema.

A prática do letramento na educação infantil e o papel do professor

Para discutir a temática letramento optamos, primeiramente, em compreender o papel do letramento na Educação Infantil. Autores estudados, tais como Vygotsky e Bakhtin dentre outros que discutiram o processo de apropriação da linguagem escrita pela criança ressignificando concepções que reduziam o papel da linguagem no cotidiano educacional.

Vygotsky e Bakhtin apresentam a constituição da linguagem escrita pela criança como parte do processo geral de constituição da linguagem. E como um processo contínuo de inserção no mundo da escrita através das interações sociais orais da criança, considerando o significado que a escrita tem na sociedade.

Desde pequenas as crianças estão em contato com situações que envolvem a linguagem oral e escrita tais como: canções de ninar, histórias contadas oralmente ou narradas com o uso de livros e outros textos.

Trata-se, pois, de um aprendizado complexo, e é nessa perspectiva que Bakhtin e Vygostky apresentam a linguagem como processo de interação entre indivíduos, levando-nos a refletir sobre a ação educativa na construção do processo de letramento.

Para Bakhtin (1997), a linguagem é constituída por situações sociais que o sujeito estabelece com o mundo. O uso da língua nas diversas atividades humanas como no modo

que as pessoas expressam suas vivências, suas crenças, seus sentimentos e seus desejos são suas formas subjetivas de apresentar seus conhecimentos e suas relações com o mundo.

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa. (BAKHTIN, 1997, p.299).

A atividade humana, em todas as suas esferas, está sempre relacionada à utilização da língua e a utilização da língua efetua-se nas interações e na construção da singularidade do sujeito na construção de suas marcas/ dos discursos que tornam o sujeito pertencente a determinado(s) grupo(s).

Bakhtin (1997) destaca a produção de linguagem na perspectiva da enunciação, unidade real da comunicação organizado na forma do gênero discursivo, destaca a natureza social da situação de produção de discursos. Segundo o autor é esta situação que os sentidos constroem-se, dialogam e disputam espaço, etc. A interação/o diálogo, então, é condição fundamental para que se conceba a linguagem.

No campo da Educação Infantil, os estudos e pesquisas sobre processo de letramento, contribuíram para compreensão do processo de aquisição da linguagem escrita. Consideramos que a linguagem escrita tornou-se fundamental para o processo de socialização.

Na pesquisa realizada no agrupamento de crianças de cinco anos e completando seis anos tendo como objetivo a reflexão sobre os aspectos do letramento desenvolvidos no agrupamento.

Observamos que a linguagem escrita está presente na rotina das crianças no agrupamento, por exemplo, na presença do calendário, no cartaz (em forma de lista) que apresenta a rotina a ser desenvolvida e na leitura dos crachás com os nomes das crianças atividades que a professora realiza junto às crianças diariamente.

As atividades descritas acima nos ajudam refletir sobre a linguagem escrita e suas diferentes práticas de uso social e como as diferentes funções podem possibilitar uma reflexão sobre a escrita e o seu uso.

Para Vygotsky (2007) a linguagem escrita não segue uma linha reta e nem contínua, pois para o autor a linguagem escrita diz respeito à apropriação da produção da cultura, dos modos de vida, das crenças, das concepções dos conhecimentos elaborados e sistematizados compartilhados com os sujeitos ou grupos que compõem o contexto mais próximo à criança.

O homem realiza sua mediação com o ambiente por meio de instrumentos, de signos (linguagem, escrita, sistema de números etc.) que são criados pela sociedade ao longo do curso da história humana, mudando a forma social e o nível de seu desenvolvimento cultural. Realiza-se assim a internalização dos sistemas de signos, produzidos culturalmente, de modo que o mecanismo de mudanças individuais ao longo do desenvolvimento tem suas reais na sociedade, na cultura. (FREITAS, 1994, p.90).

É importante ressaltar que na atividade há um entendimento de possibilitar as crianças o contato com o texto escrito aqui estamos refletindo são as possibilidades de ampliação dessa atividade o que poderia levar as crianças a uma maior exploração de vários portadores de textos, explicitando os variados usos e funções que lhes são inerentes numa sociedade letrada que a criança vive.

O processo de constituição da linguagem pela criança inicia fora das instituições educacionais. Cabe aos professores de Educação infantil trazer significado a esse processo, para o mundo da criança, onde ela tenha interesse.

Refletir sobre o aprendizado da linguagem escrita na Educação Infantil é voltar-se para a prática do professor e analisar se esta se fundamenta na escolarização e na repetição de atividades que não têm sentido e significado para as crianças ou se(re) conhecer que a aprendizagem da criança se dá em diferentes contextos e se propor a organizar um trabalho intencional que considere o processo de aprendizagem das crianças “o ensino tem de ser organizado de forma que a leitura e a escrita se tornem necessárias às crianças” (VYGOTSKY, 2007, p.143).

A linguagem escrita na Educação Infantil encontra fundamento no fato da criança promover cultura através da interação com o mundo e com a variedade de produções culturais que existem, sendo a escrita o elemento fundamental dessa cultura, dessa forma, a criança interage com a escrita, passa a entendê-la e dela se apropria como parte de seus conhecimentos para que se constitua a socialização.

O papel do professor mediador no processo de constituição da linguagem escrita

A linguagem nos permite uma compreensão do mundo, a comunicação entre sujeitos e a transformação de si e do mundo. Para Vygotsky (2007), a linguagem é ferramenta que constitui o pensamento. Nas instituições de Educação Infantil, o processo de constituição da linguagem se torna significativo.

O papel do professor mediador no processo de constituição da linguagem escrita perpassa por algumas considerações. A primeira é procurar compreender o que é específico na infância, o poder de imaginação, a fantasia, a criação, a brincadeira entendida como experiência de cultura.

É fundamental conhecer e considerar as características da criança de zero a seis anos e seus contextos, no seu processo de formação social e pessoal. Ter como referência a criança no trabalho pedagógico implica desenvolver um olhar sensível a fim de primar por experiências concretas, expressões e relações multifacetadas, compreendendo como ela conhece o mundo, o afeto, o prazer e o desprazer, a fantasia, o brincar... (BARBOSA, ALVES, MARTINS, 2011, p.136).

A Educação Infantil, na função de promover o desenvolvimento integral da criança, tem no professor mediador o papel de assegurar o desenvolvimento e aprendizagem significativa.

A compreensão desses aspectos pelo professor mediador pressupõe que este planeje situações significativas de aprendizagem o que nos leva para a segunda consideração a ação pedagógica.

Para Barbosa (1997) uma ação pedagógica perpassa na elaboração de um planejamento culturalmente significativo para as crianças e adultos, no sentido de que haja uma articulação entre os conceitos cotidianos e os conceitos científicos.

Para que isso aconteça é necessário conhecer a criança, compreender e considerar as formas como ela aprende e se desenvolve cotidianamente. Os processos de aprendizagem e desenvolvimento das crianças se constituem a partir de seu contexto social, histórico e cultural e de encontro com os contextos de outros sujeitos encontro este marcado e movido pela mediação que produz significações diversas.

Na perspectiva, sócio histórico e cultural, que fundamenta o trabalho de Vygotsky (2007), o sujeito constrói seu conhecimento, sua cognição e sua afetividade na interação com parceiros mais experientes de sua cultura.

O sujeito não nasce pronto nem é cópia do ambiente externo. Em seu desenvolvimento há uma interação constante e ininterrupta entre processos internos e a influência do mundo em que vive.

Para Vygotsky (2007), nós só nos desenvolvemos se (e quando) aprendemos. A aprendizagem possibilita o desenvolvimento que por sua vez, possibilita novas aprendizagens. A aprendizagem diz respeito à apropriação e a produção da cultura, dos modos de vida, das

crenças, das concepções dos conhecimentos elaborados e sistematizados partilhados com os sujeitos ou grupos que compõem o contexto mais próximo à criança.

O ponto de partida dessa discussão é o fato de que o aprendizado das crianças começa muito antes de elas frequentarem a escola. Qualquer situação de aprendizado com a qual a criança se defronta na escola tem uma história prévia. (VYGOSTKY, 2007, p.94).

Segundo Vygotsky (2007), o aprendizado antecede o desenvolvimento, pois muito antes de frequentar uma instituição de Educação Infantil, a criança já traz consigo conhecimentos que ela domina conhecimentos prévios que devem ser considerados nas ações pedagógicas.

Considerações finais

Para desenvolver o trabalho com a linguagem escrita na Educação Infantil deve-se considerar que as crianças/sujeitos estão envolvidos em vários processos de contato com a linguagem e esses processos oportunizam e diversificam situações de desenvolvimento e aprendizagem com/das crianças.

É importante que trabalho desenvolvido nas instituições de Educação Infantil garanta o conhecimento, a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças através das vivências e experiências em atividades que sejam enriquecedoras e significativas.

Isso significa possibilitar ações pedagógicas diferenciadas, em que as crianças, cada uma em seu tempo, e os professores, parceiros mais experientes, sejam coparticipantes nas ações que conduzirão todo o processo de planejamento e organização das situações de aprendizagem.

O trabalho com a linguagem na Educação Infantil é reveladora e é necessário refletir sobre ele favorecendo dessa forma a reinvenção e transformação da prática pedagógica.

Nesse processo de ensino aprendizado da linguagem escrita à brincadeira mostra-se como forte aliada. A brincadeira estimula os sentidos, incentiva à interação, impulsiona o processo de conhecimento da linguagem escrita.

Para que haja desenvolvimento e aprendizagem o professor mediador é sujeito fundamental.

Nesse contexto cabe a nós professores (as) elaborar, organizar planejamentos com ações pedagógicas que segundo Barbosa (1997) estejam voltados para “educação

multifacética” das crianças, pois as ações são dialógicas, formam os sujeitos e lhes permitem interagir uns com os outros, com o mundo, produzir e ressignificar os conhecimentos.

[...] além de socializar conhecimentos historicamente produzidos e acumulados ou aperfeiçoar habilidades, cabe à escola ensinar as crianças a compartilharem ativamente (não sem contradições e tensões) dos diversos valores da existência e do mundo, trocarem conhecimento, vivenciarem papéis e estabelecerem práticas criativas e construtivas da sociedade contemporânea, [...] (BARBOSA, 1997, p.149).

Sendo assim, é papel do professor (a) da Educação Infantil (re)conhecer os interesses das crianças para que possam ampliar esses conhecimentos de forma significativa com intervenções pedagógicas direcionadas

Assim, no trabalho diário com os agrupamentos deve-se considerar o cotidiano do grupo, suas manifestações e curiosidades, questionamentos, interesses, convergências e conhecimentos.

“[...] aprender significa mais do que simplesmente adaptar-se, ou seja, aprendizagem é um processo que envolve incorporação e apropriação pela criança de hábitos, práticas, ideias, valores e conceitos, produzidos e organizados historicamente no bojo dos diferentes grupos e classes sociais e da cultura [...]” (BARBOSA 1997, p.149).

Logo, cabe ao professor (a) oportunizar para as crianças um ambiente favorável à aprendizagem que possibilite à expressão de ideias e explicações, a exploração do meio, a experimentação, a escuta do outro, o desenvolvimento da capacidade de observação e percepção de fenômenos, de levantar hipóteses, verificar resultados.

São essas possibilidades de aprendizagem que “encorajam” as crianças a descobrir o mundo a sua volta, reelaborando suas hipóteses e se apropriando de conceitos, atitudes e linguagem da linguagem escrita.

Referências

AGUIAR, A.R. e BARBOSA, I.G. A Linguagem como elemento mediador do processo de constituição de conhecimento por crianças de cinco anos: um estudo de caso. In: **Anais do V EDIPE**. Goiânia, 2012.

BAKTHIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKTHIN, M. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARBOSA, Ivone G. A teoria sócio-histórico-dialética: referenciais para se pensar a aprendizagem e o desenvolvimento infantil. In: BARBOSA, Ivone G. **Pré-escola e formação de conceitos: uma versão sócio-histórico-dialética**. 1997.169 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 1997. Cap. 1.

BARBOSA, I. G.; ALVES, N. N. L.; MARTINS, T. A. T. O professor e o trabalho pedagógico na educação infantil. In: LIBÂNEO, J.C; SUANNO, M. V. R; LIMONTA, S. V. **Didática e Práticas de Ensino: texto e contexto em diferentes áreas do conhecimento**. Goiânia: CEPED/Editora PUC Goiás, 2011.

FREITAS, M.T.de A. **O pensamento de Vygotsky e Bakhtin no Brasil**. Campinas SP: Papirus, 1994.

HEYWOOD, Colin. **Uma história da Idade Média à Época Contemporânea no Ocidente**. Tradução. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2004.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____ **Pensamento e Linguagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.